

# APP'S DE RELACIONAMENTO: ANÁLISE DO DISCURSO DE SOLIDÃO NO PÚBLICO TRANSGÊNERO

Data de aceite: 01/08/2023

### Luciana Ribeiro Marques

Psicanalista, Membro do Fórum do Campo Lacaniano (FCL-RJ), Professora do Departamento de Psicanálise (DPSA) e do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise (PGPSA) no Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IP-UERJ).

### Giovanni Codeça da Silva

Historiador, Professor e Coordenador do Curso de Licenciatura em História (UVA), Dinamizador de Filosofia no CEJA/CECERJ e Professor na Seeduc/RJ

**RESUMO:** Partindo da perspectiva que o tempo presente acelerou a modernidade, diluindo as metanarrativas e as certezas, procuramos investigar o discurso da solidão nos sites de relacionamentos, com foco no público transgênero. Ao falarmos em solidão, os discursos são os mesmos do passado? Estariam adentrando numa solidão cotidiana? Houve, em algum momento, garantia do contrário? Ou ainda, por que a falta, constitutiva do sujeito e motor do desejo, amplia-se na atualidade, como fonte de angústia e sofrimento, tão corrente no discurso sobre a solidão? Ao

optarmos pelos aplicativos, consideramos tal mídia como *lócus* de cristalização de discursos contemporâneos (re)produzidos como *doxa* de autossuficiência devido à noção de pertença das redes sociais e de liberdade de escolha. Porém, como *doxa*, esses postulados vigoram por se autoproclamarem. Assim, em aparente contraste com o ideal de um sujeito autofundado, a possibilidade de conexão entre pessoas de diferentes culturas e lugares, sob as perspectivas de espaço e tempo não similares, potencializa opções, constituindo uma espécie de 'tirania da escolha' cujo 'objeto a ser consumido' é, nesse caso, o parceiro ideal. Por sua vez, o universo transgênero, marginalizado no princípio, e que hoje experimenta, na letra da lei, um maior reconhecimento de sua identidade como construção – a partir do polimorfismo da sexualidade, das modalidades de gozo e das intervenções culturais –, redefine a noção de gênero para si e para a sociedade. Elegemos três sites de relacionamento: *Tinder*, *POF* e *Adote um Cara*, realizando levantamento de perfis, bate-papos e entrevistas ao longo de dois anos: de junho de 2014 a junho de 2016. Os resultados apresentam a existência de discursos de solidão, concomitante aos

discursos sobre o estar solitário – sem uma companhia ou intencionalmente solitário –, por estar bem resolvido consigo mesmo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Modernidade; Análise dos Discursos; Solidão; App's de Relacionamento; Transgênero

**ABSTRACT:** Starting from the perspective that the present time has accelerated modernity, diluting metanarratives and certainties, we seek to investigate the discourse of loneliness on dating sites, focusing on the transgender public. When we talk about loneliness, are the speeches the same as in the past? Would they be entering a daily solitude? Was there ever a guarantee to the contrary? Or yet, why does the lack, constitutive of the subject and the engine of desire, expand today, as a source of anguish and suffering, so current in the discourse on loneliness? By opting for apps, we consider such media as a locus of crystallization of contemporary discourses (re)produced as a doxa of self-sufficiency due to the notion of belonging to social networks and freedom of choice. However, as a doxa, these postulates are in force because they are self-proclaimed. Thus, in apparent contrast to the ideal of a self-founded subject, the possibility of connection between people from different cultures and places, from perspectives of dissimilar space and time, enhances options, constituting a kind of 'tyranny of choice' whose 'object to be consumed' is, in this case, the ideal partner. In turn, the transgender universe, marginalized in the beginning, and which today experiences, in the letter of the law, a greater recognition of its identity as a construction – based on the polymorphism of sexuality, the modalities of enjoyment and cultural interventions –, redefines the notion of gender for themselves and for society. We chose three dating sites: Tinder; POF and Adote um Cara, conducting profile surveys, chats and interviews over two years: from June 2014 to June 2016. The results show the existence of discourses of loneliness, concomitant with discourses about being lonely – without a company or intentionally solitary –, for being well resolved with himself.

**KEYWORDS:** Modernity; Discourse Analysis; Loneliness; Relationship app's; Transgender.

## INTRODUÇÃO

O tema da sexualidade, que atravessa a vida de todo ser de linguagem e suscita as mais diversas questões sociais, a todo momento convoca o campo da história e o campo psicanalítico à pesquisa. Partindo da interseção entre esses dois campos, o presente artigo pretende examinar o discurso de solidão, tal como abordado por transgêneros nos aplicativos – *app's* – de relacionamento. Diante da perspectiva que o tempo presente sobre acelerou a modernidade, impossibilitando as metanarrativas e as certezas construídas ao longo dos últimos séculos, procuramos investigar os efeitos discursivos da noção de pertença produzida pelas redes sociais.

Desse modo, o objetivo geral da presente pesquisa visa, a partir de levantamento de dados extraídos de questionário diretivo e entrevistas semiestruturadas dirigidas aos voluntários homens e mulheres transgêneros, usuários de aplicativos de relacionamento – *Tinder*, *POF* e *Adote um Cara* –, e com faixa etária entre 18 e 70 anos, analisar o processo

de subjetivação discursiva da noção de solidão. Portanto, objetivamos compreender o que os usuários dos *app's* entendem por solidão, num contexto de conectividade; analisar se os *posts* iniciais, a descrição do perfil e as fotos selecionadas para postagem têm consonância com o questionário aplicado e com a entrevista realizada; avaliar a diferença discursiva entre sentir-se sozinho e estar solitário, apontando possíveis diferenças na percepção da solidão em relação às faixas etárias dos entrevistados.

Como característica geral dos aplicativos *Tinder*, *POF* e *Adote um Cara*, destacamos a promessa de aproximar pessoas pré-dispostas a estabelecerem contato físico ou virtual. Embora, em diversos anúncios, esses aplicativos estejam vinculados como aplicativos de namoro, essa é apenas uma das modalidades possíveis para seus clientes. Os três aplicativos podem ser utilizados de forma gratuita, possuindo funções pagas que prometem aumentar as possibilidades de sucesso nos encontros.

## MARCO TEÓRICO

Ao abordarmos a solidão, se faz necessário recorrer a um procedimento que especifique o tipo de solidão a que estamos nos referindo. No presente trabalho, recorreremos a um procedimento de análise social que se assemelha à brincadeira infantil de jogar bola de gude. Nessa brincadeira, ao pedir 'limpa', o jogador retira as folhas, os galhos e quaisquer outras obstruções que estejam no caminho e atrapalhem seu objetivo: acertar a bolinha de gude de seu adversário. Na academia, ao pedir 'limpa', apara-se os diversos significados construídos historicamente sobre uma categoria ou um conceito, para, então, trabalhar, delimitada e especificamente, com o que se propõe.

Sendo assim, iniciamos a abordagem da solidão a partir das palavras de Richard Sennett e de Michel Foucault que, no texto, *Sexualidade e Solidão* (1981), referem-se ao cerne de nossa abordagem sobre a solidão quando remetem a Epicteto – o filósofo escravo-forro grego –, a diferença entre estar solitário e sozinho. O texto de Sennett e Foucault ainda estabelece outros tipos de solidão e os relaciona historicamente:

Cada uma dessas solidões tem uma história. No mundo antigo, a solidão imposta pelo poder era o exílio; no século XVII, na França, a solidão imposta pelo poder foi o banimento para regiões longínquas. Num ponto de vista moderno, a solidão criada pelo poder é a sensação de solidão no meio da massa. Num mundo antigo, o isolado sonhador que os poderosos temiam foi um Sócrates, aquele que colocou contra as leis do estado um discurso de lei superior, um ideal contra uma ordem estabelecida. O moderno *homme révolté*, um Artaud ou um Genet coloca contra a ordem do poder a verdadeira ausência de lei. A solidão da diferença, de uma vida interior maior do que as reflexões de outras vidas é similarmente histórica (FOUCAULT & SENNETT, 1981, p. 2).

A solidão, tal como abordada na presente pesquisa, através dos *app's* de relacionamento, tem como base a diferença estabelecida por Epicteto, ainda na Grécia.

Para o filósofo, o homem que está solitário, mesmo em meio à multidão, permaneceria só por uma impossibilidade de manter contato com os outros homens. Em contrapartida, o homem na condição de ser sozinho, consegue desvincular-se dos outros estabelecendo uma mediação consigo mesmo: estar sozinho é uma condição inerente ao humano e que permite a reflexão proposta nesta pesquisa.

## A ENUNCIÇÃO DA SOLIDÃO NA MODERNIDADE

Num momento de conexão total entre os indivíduos, que extrapola as condições territoriais e temporais, marca maior da pós-modernidade, como a solidão, ou a percepção da solidão, vem sendo vivenciada e ressignificada? Para compreendermos esse momento, optamos por trabalhar com o conceito de modernidade líquida, criado por Zygmunt Bauman (2000), que destaca como marca da atualidade a transitoriedade dos valores, das informações e dos sentidos, além da incapacidade de reflexão como experiência humana que, diante desse cenário, só se apresenta possível quando compartilhada, publicada ou mediada pelo 'curtir' – *like* – do outro. Desse modo, a modernidade líquida coaduna dois movimentos antagônicos em um duplo que se revela na prática diária por sentido: por um lado, o excesso de exposição da autoimagem do mundo privado no público e, por outro, o isolamento social experimentado no público, através do auto encarceramento do mundo privado.

Uma espécie de anomia auto vivenciada por uma escolha que desvenda um processo de alienação de si. Bauman não nega a tecnologia, não opera com o ludismo histórico contra as possibilidades de conexão, porém, ressalta as novas questões trazidas pela aceleração da vida. Para Bauman, o mundo virtual se torna atrativo por sua velocidade, por sua capacidade de conexão desterritorializada e, principalmente, por sua capacidade de aproximar iguais, tornando o mundo palatável a partir da promessa de pertencimento, como defesa ao desamparo. As ferramentas de aproximação criam comunidades que compartilham opiniões comuns, criando grupos de eleitos ou de aceitos, que transformam a convivência com o outro numa convivência com iguais. Desse modo, qualquer ideia diferente se torna estranha e descartável, estendendo-se ao outro que, não pertencente ao grupo, também é rejeitado de modo simples e rápido, num clique que está ao alcance dos dedos, localizável no ícone 'desfazer a amizade'.

Os aplicativos de relacionamento que utilizam, por base, plataformas *Android*, *IOS* e *Windows Phone*, potencializam essa nova forma de relacionamento, muito embora devamos realizar uma ressalva histórico-social. A fluidez nas relações é anterior ao advento da internet, pois os termos 'ficar', 'dar um lance' e, mais recentemente, 'um pente' precederam os *app*'s. No entanto, a função desses *app*'s não deixou de potencializar essas novas formas de interação social de tal forma que, atualmente, registram 30 milhões de usuários. Uma prática iniciada com o *ICQ – I seek you* –, e popularizada através do *Tinder*,

deslocou-se da comunicação do público geral para os grupos específicos, de acordo com as identidades.

O procedimento é simples e comum a todos que possuem uma conta no *Facebook*, no *Instagram* ou em outros *app's* de convivência virtual. Primeiro cria-se um perfil, que pode ou não estar associado a uma conta em outro *app*, mas que, obrigatoriamente, deve estar associado a um e-mail. Alguns *app's* condicionam o uso do GPS para determinarem a localização, condição que já demonstra as novas classes associadas à busca, tais como a acessibilidade, a praticidade e a condição econômica, com a visada de aproximar as afinidades ou, tal como nos *app's* de convivência, aproximar o mundo dos iguais. Nos *app's* de relacionamento eleitos para a realização da pesquisa, o *Tinder* tem como base de dados o *facebook*, o *POF* utiliza o e-mail como cadastro, e o *Adote um Cara* permite diferentes possibilidades às bases de dados. Ao iniciarmos a pesquisa sobre o uso e as relações nesses *app's*, nos deparamos com discursos de solidão: o uso do termo solidão, e seus correlatos, foram localizados em um número significativo de postagens. Objetivando à análise desses discursos, e estabelecendo os critérios anteriormente mencionados para a sua investigação, a presente pesquisa objetiva apresentar os resultados dos dados coletados junto ao público transgênero, refletindo sobre o desamparo estrutural do ser humano que, na atualidade, revela-se a partir da coadunação discursiva entre estar solitário e ser sozinho.

## ESTAR SOLITÁRIO X SER SOZINHO: O DESAMPARO ESTRUTURAL DO SER DE LINGUAGEM

A fim de pensarmos o discurso da solidão atrelado ao desamparo estrutural do ser de linguagem, recorreremos à psicanálise, a partir das obras de Freud e de Lacan, com o intuito de responder à seguinte questão: Por que a falta, constitutiva do sujeito e motor do desejo (LACAN, 1960|1998), amplia-se, na atualidade, como fonte de angústia e sofrimento, tão corrente no discurso sobre a solidão? Freud, ao longo de sua obra, nos esclarece que, ao nascer, o *infans*, pedaço de carne, substância gozante, não é nada senão sujeito por advir. Desamparado, sem o *savoir-faire* que o instinto propiciaria, desnaturalizado por seu estatuto de ser de linguagem, só lhe resta a escolha forçada<sup>1</sup> de se submeter ao Outro<sup>2</sup>: aposta para se manter vivo. Desse modo, seu nascimento como sujeito só se dará quando, no campo do Outro, surge o significante.

Ao nascer, o bebê, devido à sua insuficiência vital, é invadido por uma série de sensações ainda sem sentido. Sua única saída para expressar o desconforto é o choro,

---

1 A lógica da alienação, como uma escolha forçada, foi desenvolvida por Lacan em *O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964|1998) e pode ser ilustrada com o seguinte exemplo: "A bolsa ou a vida! Se escolho a bolsa, perco as duas. Se escolho a vida, tenho a vida sem a bolsa, isto é, uma vida decepada" (LACAN, 1964|1998, p. 201).

2 A noção de Outro, em psicanálise, refere-se a um lugar simbólico, lugar da cadeia significante, introduzida ao sujeito por quem exerce a função materna. Essa função é comumente exercida pela mãe, que introduz o sujeito no campo da linguagem, campo que o precede e o constitui.

sendo justamente essa a porta de entrada para que um semelhante, percebendo o desprazer sentido pelo bebê, assim como a sua impotência, entende o choro como um apelo dirigido. Por sua vez, quem exerce a função materna não sabe exatamente do que se trata nessa solicitação e, inclusive, é importante que não saiba, pois o bebê não é uma extensão dela. A essa mãe, resta oferecer um significante e esperar que seu filho o aceite. Suponhamos que ela interpretou o choro do *infans* como fome e lhe ofereceu leite: se o bebê aceitou o leite, mamou e parou de chorar, ele também aceitou o significante e o introjetou. Essas marcas de tensão geradas pela necessidade e pelo objeto que trouxe satisfação irão, posteriormente, ligar-se aos demais significantes oferecidos à criança, formando uma cadeia.

Esse é um primeiro nível da experiência, em que a necessidade, ligada a um objeto que foi capaz de saciar, promoveu uma experiência de satisfação. Num segundo momento, o bebê, acometido por uma nova tensão, tentará, por si só, acionar esses traços e conectá-los. Será nesse ápice de desejo que a percepção se apresentará como alucinação, numa tentativa de apreender o objeto que foi perdido. Essa primeira experiência mítica de satisfação<sup>3</sup>, e a tentativa de reencontrá-la através da alucinação do objeto que os traços de memória tentaram recuperar, levam a criança ao encontro com o trauma<sup>4</sup> e despertam, por consequência da insuficiência da alucinação em satisfazer, seu endereçamento ao outro. A partir de então, a criança entende que, para se satisfazer, uma vez que se encontra desamparada, precisa dirigir-se ao semelhante que o acolhe, elevando esse outro a Outro, dado o seu estatuto de tesouro dos significantes para o *infans*.

Podemos observar que não há, para o bebê, qualquer saída senão a sujeição. O sentido do choro será dado pelo Outro, numa espécie de adivinhação, o que significa dizer que por mais que o choro do bebê seja causado pelo desconforto da dor, se o Outro interpreta como fome, oferece o leite, e o bebê se cala, ele aceitou o significante. O Outro, cada vez mais dotado de consistência, por efeito de linguagem, passa a ser aquele a quem o bebê demanda satisfação. No entanto, a incidência do significante da demanda, ao barrar a necessidade, já instaurou a *hiância* entre a satisfação almejada e a satisfação alcançada. É dessa falta que se instaura como resto entre a necessidade e a demanda que surge o desejo.

A incompletude, ou essa falha, está dada para o humano na origem, tanto pela *precariedade* do significante, que vem do Outro e é incapaz de dizer tudo, quanto pela marca da falta do objeto que, *a priori*, está perdido. Uma vez que a necessidade foi transformada em demanda, resta, tanto ao sujeito quanto ao Outro, uma relação de desencontro. O desejo, que está situado entre os significantes da demanda, escapando de qualquer significação possível, será o responsável por ratificar esse desencontro nas

---

3 A primeira experiência de satisfação, mítica, foi desenvolvida por Freud em seu artigo *Projeto de Psicologia*, datado de 1895.

4 *Hiância* real que revela a falta do objeto que complete o humano.

demais relações do sujeito, revelando a impossibilidade de completude. Assim, podemos verificar que *das Ding*<sup>5</sup> está presente no âmago da trama humana, produzindo efeitos no sujeito devido à sua aposta no objeto primordial.

*Das Ding* é o que padece do significante, sendo nesse campo que Freud situa o que deve responder ao objeto reencontrado, definição fundamental do objeto com seu devido paradoxo, uma vez que esse objeto não foi realmente perdido, tal como Lacan ratifica: “O objeto é, por sua natureza, um objeto reencontrado. Que ele tenha sido perdido é a consequência disso – mas só depois” (LACAN, 1960|1997, p.149). Daí *das Ding*, a Coisa que completaria o sujeito, caracterizar-se como velada, já que – nos reencontros do objeto – sempre será representada por outra coisa, na medida em que não pode ser representada. É o próprio objeto impossível, revelando que o sujeito não está garantido por nada. É a estrutura do desejo que mantém o objeto à distância, por mais que essa distância seja íntima, próxima:

Essa relação é interna. O desejo do homem é o desejo do Outro. Será que não há, reproduzido aqui, o elemento de alienação que lhes designei no fundamento do sujeito como tal? Se é só no nível do desejo do Outro que o homem pode reconhecer seu desejo, e enquanto desejo do Outro, não está aí algo que lhe deve parecer fazer obstáculo a seu desmaio, que é o ponto em que seu desejo jamais pode reconhecer-se? (LACAN, 1964|1998, p.223).

O que resta, então, ao humano diante do desamparo fundamental, já que não há qualquer garantia advinda do Outro? Lacan nos adverte: “Não esqueçam que, no que diz respeito ao significante, o homem é o artesão de seus suportes. Os significantes são modelados por ele” (LACAN, 1960|1997, p.150), e é daí que surge a criação *ex nihilo* como saída possível ao ser de linguagem. Tomemos a função da criação com a metáfora do vaso, cunhada por Lacan a partir do texto de Heidegger – A Coisa –, para distinguirmos o vaso como utensílio e o vaso como função significante em sua relação com *das Ding*. Um objeto só pode representar a Coisa na medida em que ele é criado, estando aí a função do oleiro. Ao criar um vaso ele cria o vazio, introduzindo, ao mesmo tempo, a própria perspectiva de preenchê-lo. O vaso, como significante modelado pelas mãos do oleiro, é um objeto criado para representar o vazio central que se chama a Coisa, *das Ding*.

No entanto, para que a criação seja possível, não podemos nos esquecer que o vazio já estava lá, levando o oleiro a criar o vaso a partir do nada. Esse é um belo exemplo da criação *ex nihilo*, coextensiva da exata situação do humano com a Coisa como tal. Com o vaso feito, pelo lado da obra, admiramos e verificamos que ele é belo. Entretanto, cada um sabe o que pode sair de dentro do vaso, ou o que tentamos colocar lá. *Das Ding* é isso, esse lugar central que Lacan define como ‘extimidade’, essa exterioridade íntima que encontra-se no interior do sujeito, mas como excluída. Na impossibilidade de atingi-lo, resta abordá-lo, cabendo a cada um de nós a criação de seu próprio vaso. Não seria justamente

---

5 *das Ding*, ou a Coisa, refere-se ao inassimilável, ao que permanece de irrepresentável e remete o sujeito à pura falta, tal como desenvolvido por Freud em seu artigo *Projeto de Psicologia*, datado de 1895.

isso que os humanos fazem ao colocarem seus parceiros como objeto, visando completar a falta constitutiva? Ou, ainda, o que cada sujeito faz ofertando-se como objeto para o desejo do Outro, encarnando para o parceiro a promessa de completude que irá aplacar a solidão e o desamparo de ambos?

A busca do complemento, o mito de Aristófanes nos dá sua imagem de maneira patética, e enganadora, articulando que é o outro, que é sua metade sexual que o vivo procura no amor. A esta representação mítica do mistério do amor, a experiência analítica substitui a procura, pelo sujeito, não do complemento sexual, mas da parte para sempre perdida dele mesmo, que é constituída pelo fato de ele ser apenas um vivo sexuado, e não mais ser imortal (LACAN, 1964|1998, p.195).

A noção de estar solitário parece ratificar o fato do humano ser sozinho, desamparado por estrutura, sendo o outro a única aposta possível para o sujeito livrar-se da solidão. No entanto, tal aposta, sem garantia possível, parece produzir, na modernidade, por seu caráter líquido, ainda mais angústia ao invés de aplacá-la pois, a cada promessa de encontro se descortina o desencontro, a dupla falta que recobre o sujeito: a falta-a-ser – uma vez que não há significativo vindo do Outro que seja capaz de dizer tudo e, assim, produzir um sentido sem furos – e a falta-a-ter – que aponta para a falta de um objeto-parceiro que seja capaz de completá-lo.

## METODOLOGIA

A coleta de dados foi realizada, simultaneamente, nos três aplicativos selecionados, a partir da triagem de palavras que remetessem às palavras-chave delimitadas no objetivo da presente pesquisa, tais como: solidão, sozinho, solitário, desamparado, abandonado, só etc. Desse modo, e a fim de melhor demarcar os dados levantados, os pesquisadores dividiram os grupos de cada *app* a partir da modalidade discursiva – solidão x sem solidão –, e das seguintes faixas etárias: 18 a 30 anos; 31 a 40 anos; 41 a 50 anos; 51 a 60 anos e acima de 61 anos. Os contatos realizados, através dos aplicativos, prosseguiram até alcançarem o parâmetro estabelecido à aplicação – 10 questionários para cada grupo –, conforme as tabelas abaixo:

	IDADE	TOTAL		IDADE	TOTAL		IDADE	TOTAL
T I N D E R	18   30 – Solidão	22	P O F	18   30 – Solidão	16	A D O T E U M C A R R A	18   30 – Solidão	27
	18   30 – Sem Solidão	31		18   30 – Sem Solidão	20		18   30 – Sem Solidão	31
	31   40 – Solidão	18		31   40 – Solidão	11		31   40 – Solidão	---
	31   40 – Sem Solidão	29		31   40 – Sem Solidão	24		31   40 – Sem Solidão	---
	41   50 – Solidão	10		41   50 – Solidão	12		41   50 – Solidão	---
	41   50 – Sem Solidão	25		41   50 – Sem Solidão	26		41   50 – Sem Solidão	---
	51   60 – Solidão	20		51   60 – Solidão	---		51   60 – Solidão	---
	51   60 – Sem Solidão	---		51   60 – Sem Solidão	---		51   60 – Sem Solidão	---
	Acima de 61 – Solidão	20		Acima de 61 – Solidão	---		Acima de 61 – Solidão	---
	Acima de 61 – Sem Solidão	---		Acima de 61 – Sem Solidão	---		Acima de 61 – Sem Solidão	---



QUESTIONÁRIO APLICADO	NUNCA	RARAMENTE	ALGUMAS VEZES	FREQUENTE
eu sinto infeliz por fazer tantas coisas sozinho(a)				
eu não tolero ficar tão sozinho(a)				
eu sinto que não tenho companhia				
eu sinto que ninguém me compreende				
eu sinto que estou esperando as pessoas me ligarem ou escreverem				
eu sinto que não tenho ninguém a quem eu possa recorrer				
eu não sinto próximo(a) a ninguém				
eu sinto que meus interesses e ideias não são compartilhados por aqueles que me rodeiam				
eu sinto excluído(a)				
eu sinto completamente sozinho(a)				
eu sinto incapaz de me aproximar e de me comunicar com as pessoas ao meu redor				
eu sinto que minhas relações sociais são superficiais				
eu sinto carente de companhia				
eu sinto que ninguém me conhece realmente bem				
eu sinto isolado(a) das outras pessoas				
eu sinto infeliz estando tão excluído(a)				
eu sinto que é difícil fazer amigos				
eu sinto bloqueado(a) e excluído(a) por outras pessoas				
eu sinto que as pessoas estão ao meu redor, mas não estão comigo				

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

As entrevistas realizadas com o grupo de 18 a 30 anos não apresentaram diferenças relevantes entre aqueles que se descreviam solitários e os que não se descreviam. Uma das principais características percebidas na análise de discurso de suas falas, a partir dos contextos sociais mapeados, foi a ausência de compreensão da diferença entre o que é estar solitário e ser sozinho. Quase sempre utilizados como sinônimos, 86% dos entrevistados nesse grupo afirmam não ter diferença, 12% não souberam responder e apenas 2% compreendiam a diferença. A enunciação do discurso sobre a solidão ocorreu sem uma relação direta de signo, quase sempre referenciando o *status* de estar sozinho com a realização de uma dada atividade. Essa condição também apontou uma outra incongruência nas respostas desse grupo, no que tange às pessoas lhe conhecerem profundamente. No grupo de 18 a 30 anos, 91% dos entrevistados associaram essa resposta às pessoas que mantêm como amigos no *facebook*. Um ponto importante em suas enunciações foi a função da família como fiadora do discurso de pertencimento. Assim, para 98% dos entrevistados, a permanência no lar, após a afirmação de sua identidade de gênero, mantém correlação com a sensação de poder contar com o outro.

Em contrapartida, as entrevistas realizadas com o grupo de 31 a 40 anos apresentaram diferenças relevantes entre aqueles que se descreviam solitários e os que não se descreviam. No grupo de 31 a 40 anos Solidão, 72% se autodenominaram solitários e no grupo de 31 a 40 anos Sem Solidão, 41%. Diferente em relação ao grupo anterior, o grupo de 31 a 40 anos Solidão apresentou a mesma dificuldade em diferenciar estar solitário e ser sozinho e 73% afirmaram não perceber a diferença. Porém, no grupo de 31 a 40 Sem Solidão, dos 41% que se disseram solitários, apenas 25% não percebiam a diferença. Assim, a enunciação discursiva no *app* para o grupo de 31 a 40 Sem Solidão condiz com o discurso realizado nas entrevistas e com as imagens apresentadas no *app*,

incluindo a percepção de poderem contar com alguém. Assim, as imagens e a percepção sobre a família são fiadores de seu discurso. Nesse grupo é possível perceber a existência do discurso sobre estar solitário e a dificuldade das pessoas ao conhecerem profundamente vincula-se ao alargamento das relações, devido às redes sociais.

As entrevistas realizadas com o grupo de 41 a 50 anos apresentaram resultados aproximados em relação ao sentimento de solidão: 66%. No grupo de 41 a 50 Solidão, o sentimento de estar sozinho atingiu 82% dos entrevistados sendo, 19%, fiado pela impossibilidade de contar com o apoio de outras pessoas. Esses dados são inversamente proporcionais ao que ocorreu no grupo de 41 a 50 Sem Solidão, que apontou 31% dos participantes com o sentimento de estar sozinho e 78% sentindo poder contar com alguém. Nesse grupo de 41 a 50 – Solidão e Sem Solidão –, 63% compreendem a diferença entre estar solitário e ser sozinho. Em contrapartida, a correlação entre as imagens no *app* e o posicionamento em relação a estar sozinho mantém uma enunciação válida para os dois segmentos do grupo.

Por fim, os grupos de 51 a 60 anos e acima de 61 anos não puderam ser mapeados através dos *app's*, sendo utilizado, para a coleta de dados, apenas o questionário e a entrevista. Desse modo, uma variável foi inserida, a partir das respostas relacionadas à solidão: para aqueles que se encontravam solitários – sem um relacionamento –, quantos não acreditavam mais na possibilidade de encontrar uma nova relação? E quantos se percebiam sozinhos? O grupo de 51 a 60 Solidão e Sem Solidão apresentou resultados diferentes, porém, mantendo relação direta entre o significado e a enunciação. Nesse grupo, 87% dos participantes compreendiam a diferença entre estar sozinho e ser solitário, mantendo coerência entre os números que se declararam solitários e não solitários. No entanto, o grupo Sem Solidão ainda mantinha esperança de sair da condição de solitário. No grupo superior aos 61 anos, 93% compreendiam a diferença, porém, nas variáveis Solidão e Sem Solidão, 97% não possuía mais esperança de sair da condição de ser sozinho e, assim, assumiam-se solitários.

Desse modo podemos verificar que existem infundáveis perspectivas de investigação aos resultados encontrados a partir dos participantes transgêneros. Sentir-se sozinho ou estar solitário são situações vivenciadas, porém, muitas vezes, confundidas entre os participantes mais jovens, embora claramente definidas para os participantes com maior idade. Outro ponto que merecesse destaque é a participação da família na definição da solidão: entre os participantes que receberam apoio da família, em relação à identidade de gênero, o número de solitários diminuiu drasticamente se comparado àqueles que não receberam apoio da família e, hoje, dizem estar em condição de solidão, mesmo com idade mais elevada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, os temas relacionados às diversas variantes da sexualidade estão em evidência. A presente pesquisa, objetivando analisar o processo de subjetivação discursiva sobre a solidão, delimitou o grupo estudado em voluntários, homens e mulheres transgêneros, usuários de aplicativos de relacionamento, com faixa etária entre 18 e 70 anos. Essa demarcação visa dar voz aos transgêneros que denunciam, a partir da identificação com um gênero em oposição à anatomia, que a construção do sexo como homens ou mulheres são efeitos de linguagem que alicerçam a fantasia de completude e colocam em cena o semblante: O que é ser homem? O que é ser mulher? Como encontrar o parceiro que irá completar? Essas questões, que irrompem a todo ser de linguagem – independente de seu sexo, de sua identificação com um gênero e de sua escolha de parceiro –, por si só denunciam a incapacidade do sujeito se proteger do encontro com a falta que, nesta pesquisa, revela-se com o discurso da solidão.

Portanto, como resultado da análise do processo de subjetivação discursiva da noção de solidão, a partir dos perfis e das faixas etárias dos voluntários, destacamos a noção de ser sozinho reduzida à noção de estar sozinho como uma característica dos voluntários abaixo de 35 anos. Por outro lado, os voluntários com faixa etária acima de 35 anos identificam em si a solidão, independente do fato de estarem acompanhados ou não. Outro dado importante refere-se ao papel da família na aceitação da identificação de gênero e, conseqüentemente, no resultado da condição de solidão. Entre os mais jovens, que possuem aceitação familiar, o discurso da solidão não se sustenta nos cruzamentos das respostas. Já entre os mais velhos, excluídos do convívio familiar pelo gênero que assumiram, há uma clara definição do que vem a ser a solidão, somada a um completo apagamento social, mesmo quando estão na presença de outros.

Com Freud, sabemos que a sexualidade está na contramão do discurso hegemônico implantado pela cultura e, com Lacan, temos uma direção para pensar as diversidades sexuais em oposição à premissa de um bem comum a todos, com normas e princípios que excluem as diferenças e prometem assegurar a completude a partir do encontro com a cara-metade. Logo, a presente pesquisa, ao revelar o desamparo estrutural do ser de linguagem, que se reflete na incessante busca por amparo – seja da família, do parceiro ou do meio social –, visa sustentar um discurso ético, pautado no que há de mais singular e mais íntimo em cada sujeito: o desejo.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FOUCAULT, M. & SENNETT, R. Sexuality and solitude. In: *London Review of Books*. Londres, vol. 3, n. 9, 21 May - 3 June, 04-07, 1981. Tradução: Lígia Melo da Costa, Maria Beatriz Chagas Lucca e Sérgio Augusto Chagas de Laia.

FREUD, S. (1950 [1895]). *Proyecto de psicología*. In: Obras completas: Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud: 1886-1899. - vol. 1 - Buenos Aires: Amorrortu, 2007.

LACAN, J. (1959-1960). *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LACAN, J. (1964). *O Seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (1971-1972). *O Seminário, Livro 19: ... ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.